

Aspectos Históricos da Hipertensão

A criação do Departamento de Hipertensão Arterial da Sociedade Brasileira de Cardiologia e sua história

Rafael Leite Luna*

O Brasil, como a América do Sul, sempre teve uma excelente posição na medicina experimental ligada à hipertensão: em meados do século XX, Rocha e Silva descobriu a bradicinina; no início da década de 1970, Sérgio Ferreira pesquisou, em Ribeirão Preto, o peptídeo inibidor da enzima conversora da angiotensina, e Eduardo Krieger, em São Paulo, desenvolveu excelentes estudos sobre hipertensão neurogênica. Havia assim, em nosso país, toda uma tradição de pesquisa em hipertensão, levada adiante, hoje em dia, por Dalton Vassallo e Elizardo Vasquez no Espírito Santo, por Robson Santos em Minas Gerais e por José Eduardo Krieger e Hélio Salgado em São Paulo.

Na década de 1970, a Sociedade Brasileira de Cardiologia, em franca expansão, criou vários departamentos que muito incentivaram a sua atividade científica. Nas décadas anteriores ainda se pensava muito na existência de uma hipertensão secundária e a pesquisa sistemática de uma nefropatia, de uma coarctação da aorta ou de uma doença da supra-renal se fazia sempre presente na mente dos cardiologistas,

porém, o progresso da bioquímica, com o aparecimento da possibilidade da dosagem de hormônios, mostrou, claramente, que a maior parte dos casos de hipertensão se constituía em uma doença primária e não secundária, como se pensava. Marcos Fábio Lion, em um comentário muito apropriado, chamou a atenção para o fato de que, àquela época, a maioria dos trabalhos apresentados em congressos versava sobre hipertensão secundária, sendo Walter Pinheiro Nogueira, do Instituto Dante Pazzanese, o campeão na apresentação desses trabalhos; foi na década de 1970 que se iniciou uma avalanche de trabalhos sobre o trabalho medicamentoso da hipertensão arterial.

Em 1980, inspirada pelo seu presidente, Ely Toscano Barbosa, a SBC-Funcor, na pessoa de Ermelindo del Nero, organizou em São Paulo um importante Simpósio Internacional sobre Hipertensão Arterial e suas Complicações; ele foi feito a conselho da Organização Mundial da Saúde, que, reunida em Alma-Ata, na Rússia, recomendava fazer do controle da hipertensão uma prioridade.

Se olharmos o quadro 1, veremos que, durante 10 anos, entre os temas livres, a hipertensão arterial apresentava, de longe, o maior número de estudos. Acompanhando esse fato, outros aspectos importantes da hipertensão estavam também em franco progresso, como novos mecanismos, novos estudos epidemiológicos e, principalmente, eficazes tratamentos que granjearam para o estudo da hipertensão arterial um grande número de adeptos e seguidores e, conseqüentemente, fundamentaram o desejo de um número expressivo de sócios da Sociedade Brasileira de Cardiologia de fundar o Departamento de Hipertensão Arterial.

Durante o 36º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia, realizado na cidade do Recife em 1980, foi apresentado à Assembléia Geral Ordinária um memorando, encabeçado por Roberto Malta Carrasco, do Rio de Janeiro, contendo mais de mil assinaturas, solicitando àquela Assembléia autorização para criar um Departamento. Esse memorando, por mim apresentado e defendido, baseou-se nos dados acima descritos, que mos-

* Professor de Cardiologia, Ex-Presidente da SBC.

Quadro 1 – Discriminação dos temas livres, distribuídos por assunto e ano do congresso

Assunto e → Ano	73	74	75	76	77	78	79	80
Ecocardiograma	0	09	16	35	44	56	45	85
ECG	19	28	22	30	32	30	39	31
Prova de esforço	08	15	23	35	32	29	41	40
Marcapasso	04	12	08	07	07	08	08	08
Cintilografia	08	08	15	10	12	18	15	17
Coronariografia	19	25	21	30	26	28	28	26
Hipertensão	103	98	112	131	125	139	118	117
Angioplastia	87	83	78	76	81	83	80	91

travam a importância desse Departamento para o estudo da doença, desde a sua prevalência até à ampla possibilidade de tratá-la. Lembro-me bem de que a discussão foi longa, tendo Carvalho Azevedo argüido contra, alegando que ele seria o departamento de uma única doença. Posta em votação, a criação do Departamento de Hipertensão foi assegurada quase que por unanimidade.

A primeira diretoria, escolhida no ano seguinte, durante o 37º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia, na cidade de Curitiba, foi assim constituída: presidente Ayrton Pires Brandão do Rio de Janeiro, vice-presidente Walter Nogueira Pinheiro de São Paulo, secretário Ivan Cordovil e tesoureiro Roberto Malta Carrasco, ambos do Rio, grupo que organizou o arcabouço do Departamento, ajudado pela secretaria da Sociedade, que tinha experiência e conhecimento para tal missão.

As atividades científicas logo foram surgindo, começando em 1982, no Rio de Janeiro com a 1ª Jornada de Hipertensão Arterial e mais quatro mini-simpósios nas cidades de Campo Grande, Recife, Belo Horizonte e Belém. Em 1983, o Departamento realizou, em São Paulo, a 1ª Jornada Integrada de Cardionefrologia, dando início a um frutuoso intercâmbio de idéias entre as duas Sociedades, o que tem persistido até hoje. Nesse mesmo ano foram realizados três simpósios regionais em Maceió, Brasília e Porto Alegre.

A 2ª Diretoria, eleita em São Paulo, durante o 40º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia, tendo como presidente Marcos Fábio Lion, vice-presidente Celso Ferreira, secretário Januário de Andrade e tesoureiro Antônio Carlos Pereira Barretto, todos de São Paulo, organizou um grande número de reuniões, jornadas e simpósios.

Damos abaixo os membros das oito diretorias seguintes e, logo, alguns comentários sobre os seus trabalhos.

A 4ª Diretoria foi marcada por extraordinário dinamismo realizador,

tendo, logo nos primeiros meses, feito circular o primeiro número do Boletim e patrocinado a publicação do livro *Hipertensão Arterial – Presente e Futuro*. A 5ª Diretoria promoveu o I Consenso Brasileiro de Hipertensão Arterial, e a 6ª Diretoria transformou o Boletim na revista *HiperAtivo*. A 7ª Diretoria organizou, com outras sociedades, o II Consenso Brasileiro de Hipertensão Arterial. A 9ª Diretoria realizou, também com outras sociedades, o notável III Consenso Brasileiro de Hipertensão Arterial, que, além dos muitos conceitos importantes nele introduzidos, chamou a atenção para a abordagem multidisciplinar da hipertensão, que, já há vários anos, era realizada por mim no Rio de Janeiro e por João Carlos Rocha em Campinas, seguidos depois por Paulo César Jardim em Goiana. A 10ª Diretoria foi responsável, em Belo Horizonte, por um extraordinário congresso de hipertensão que marcou época.

O primeiro livro a ser publicado no Brasil sobre alteração da pressão arterial

3ª Diretoria (biênio 1986-87)

Mário Maranhão, presidente
Marcos Fábio Lion, vice-presidente
Wille Oigman, secretário
Antônio S. Sbissa, tesoureiro

5ª Diretoria (biênio 1990-91)

Wille Oigman, presidente
Nelson Spritzer, vice-presidente
Jairo Mancilla, secretário
José Márcio Ribeiro, tesoureiro

7ª Diretoria (biênio 1994-95)

Fernando Nobre, presidente
Emilton Lima Júnior, vice-presidente
Hilton Chaves, secretário
Paulo César Jardim, tesoureiro

9ª Diretoria (biênio 1998-99)

Hilton Chaves, presidente
José Márcio Ribeiro, vice-presidente
Abraão Afiune Neto, secretário
Carlos Alberto Machado, tesoureiro

4ª Diretoria (biênio 1988-89)

Celso Ferreira, presidente
Roberto Malta Carrasco, vice-presidente
Januário de Andrade, secretário
Ivan Cordovil, tesoureiro

6ª Diretoria (biênio 1992-93)

Wille Oigman, presidente
Fernando Nobre, vice-presidente
Emilton Lima Júnior, secretário
Nelson Spritzer, tesoureiro

8ª Diretoria (biênio 1996-97)

Celso Amodeo, presidente
Hilton Chaves, vice-presidente
Eliudem G. Lima, secretário
Dante Giorgi, tesoureiro

10ª Diretoria (biênio 2000-01)

José Márcio Ribeiro, presidente
Carlos Alberto Machado, vice-presidente
Andréa Araújo Brandão, secretária
Marco Antônio Mota Gomes, tesoureiro

foi o de Genival Londres, no Rio de Janeiro, em 1945. Sempre se escreveu muito, no Brasil, sobre hipertensão arterial, e o Departamento tem sido um grande incentivador desse movimento. Desde o livro de Reynaldo Chiaverini, em 1980, *Doença Hipertensiva*, passando por *Hipertensão Arterial—Presente e Futuro*, em 1989, de Luiz Tavares, Eliudem Lima e Elizardo Vasquez, pelo nosso *Hipertensão Arterial*, também em 1989, até o de Celso Amodeo, Eliudem Lima e Elizardo Vasquez, *Hipertensão Arterial*, em 1997, foram 15 as grandes publicações, o que é uma realização excepcional. Dentro do tema “Monitorização Ambulatorial da Pressão Arterial”, Décio Mion, Fernando Nobre e Wille Oigman também publicaram dois livros, respectivamente, em 1995 e em 1997. Como vemos, a hipertensão arterial tem sido muito bem descrita pelo nosso Departamento, para uso e benefício dos seus sócios.

Os momentos mais brilhantes desse Departamento têm sido, sem dúvida, a publicação dos documentos de Consenso, quando se reúne um grupo dos melhores especialistas brasileiros em hipertensão arterial e se faz uma publicação que alcançará todos os clínicos, constituindo-se no que os americanos chamam de “*state of the*

art”, ou, em português, “o melhor no momento atual”. O primeiro Consenso de Hipertensão Arterial foi publicado em 1990 nos Arquivos Brasileiros de Cardiologia, tendo por base uma reunião feita em Campos de Jordão e, de imediato, teve grande sucesso. O segundo Consenso já foi o resultado de um trabalho conjunto com as Sociedades de Hipertensão e de Nefrologia, publicado em 1994, com o nome de II Consenso Brasileiro de Hipertensão Arterial. O III Consenso, publicado em 1998, visou atualizar e expandir o consenso anterior, constituindo-se em um documento do mais alto padrão, apresentando o que temos de melhor e de mais moderno, atualmente, no Brasil. Na década de 1980, introduzida no Brasil a técnica de monitorização ambulatorial da pressão arterial (MAPA); um certo número de médicos, dedicados à hipertensão, a ela aderiu, sendo pioneiros Lílian Soares da Costa e Wille Oigman no Rio de Janeiro e Fernando Nobre e Décio Mion em São Paulo. Em 1993, os Arquivos Brasileiros de Cardiologia publicaram o I Consenso Brasileiro para Uso da MAPA, que deu bases efetivas ao método aqui no Brasil. O método se expandiu com Hilton Chaves no Recife, Luiz Introcaso em Bra-

sília, Raimundo Nascimento em Belo Horizonte e Marco Antônio Mota Gomes em Maceió. Em 1996, o *HiperAtivo* publicou o II Consenso para Uso da MAPA. Nos últimos anos, a meu conselho, a Sociedade Brasileira de Cardiologia vem recomendando a troca do termo “consenso” pelo de “diretriz”, que traduz, mais fielmente, o que ele realmente representa. No início deste ano foram publicadas, pela *Revista Brasileira de Hipertensão*, as III Diretrizes para uso da MAPA e as I Diretrizes para uso da MRPA (monitorização residencial da pressão arterial), uma idéia que vinha crescendo entre os cardiologistas brasileiros e que agora terá uma base efetiva.

Não poderíamos terminar nossa história sem salientar que o Departamento de Hipertensão Arterial da Sociedade Brasileira de Cardiologia possui, hoje em dia, uma revista especializada com alto grau de sofisticação e, mais do que isso, indexada, constituindo-se em um notável trabalho graças ao esforço e empenho de Fernando Nobre. Foi com grande interesse e satisfação que acompanhamos, entusiasmados, todo este progresso do Departamento de Hipertensão Arterial, que alcança, neste ano de 2001, a sua maioria.